

## A memória do trauma de 1950 no testemunho do goleiro Barbosa

Elcio Loureiro Cornelsen\*

Faculdade de Letras da UFMG

**Resumo:** Nossa contribuição visa a uma análise discursiva de depoimentos do goleiro Moacyr Barbosa a respeito da derrota da Seleção Brasileira na final da Copa do Mundo de 1950 contra o Uruguai. Momento singular na história do futebol brasileiro, sem dúvida, a memória discursiva que se constroi sobre a derrota da Seleção Brasileira em 1950 é perpassada pelo trauma. Nesse sentido, baseados na teoria do testemunho e em conceitos e métodos da história oral, nossa intenção é avaliar em termos discursivos não só o quê, mas, sobretudo, como, décadas mais tarde, o goleiro enunciava, através da memória, sua versão sobre aquele fatídico 16 de julho de 1950 e seus desdobramentos. Barbosa, tido como um dos “bodes expiatórios” daquela derrota, por diversas vezes, revela em sua fala as marcas de um momento traumático – individual e coletivo –, que o acompanharia pelo resto de sua vida.  
**Palavras-chave:** Barbosa, Copa do Mundo de 1950, Memória.

**Abstract:** Our contribution aims at a discursive analysis of the testimonies of the goalkeeper Moacyr Barbosa about the defeat of the Brazilian team in the final of the 1950 World Cup against Uruguay. Singular moment in the history of Brazilian football, undoubtedly the discursive memory that builds on the defeat of the Brazilian national team in 1950 is permeated by trauma. Accordingly, based on the theory of testimony and concepts and methods of oral history, our intention is to evaluate in discursive terms not only what, but most importantly how, decades later, the goalkeeper enunciated, through memory, his version of that fateful July 16, 1950 and its aftermath. Barbosa, considered one of the “scapegoats” of that defeat, several times in his speech reveals the marks of a traumatic moment – individual and collective – that would accompany the rest of his life.  
**Keywords:** Barbosa, World Cup 1950, Memory.

### Introdução: a enunciação de um passado traumático

Nossa contribuição visa a uma análise discursiva de depoimentos do goleiro Moacyr Barbosa (1921-2000)<sup>1</sup> a respeito da derrota da Seleção Brasileira no jogo decisivo da Copa do Mundo de 1950 contra o Uruguai. Momento singular na história do futebol brasileiro, tido como “a nossa catástrofe, a nossa Hiroshima” (Rodrigues 1994b: 116), a “maior tragédia”

\* Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível II; Bolsista do Programa Pesquisador Mineiro da FAPEMIG Professor Associado em Língua e Literatura Alemã (graduação) e Teoria da Literatura e Literatura Comparada (Pós-graduação), na Faculdade de Letras da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

(MORAES NETO, 2000), marcando “o sepultamento dos sonhos esportivos do Brasil” (HEIZER, 2001: 62), que transformou o Maracanã no “maior velório da face da Terra” (MILAN, 1998: 34) frente ao “silêncio mortal de duzentos e vinte mil brasileiros” (RODRIGUES FILHO, 2003: 288), um “silêncio ensurdecedor” (WISNIK, 2008a:261), “el más estrepitoso silencio de la historia del fútbol” (GALEANO, 2010:98), sem dúvida, a memória discursiva que se constrói sobre a derrota da Seleção Brasileira em 1950 é perpassada pelo trauma.

Como bem apontam Arthur Nestróvski e Márcio Seligmann-Silva, “a catástrofe dificulta, ou impede a representação”, pois “a catástrofe é, por definição, um evento que provoca um ‘trauma’, outra palavra grega, que quer dizer ‘ferimento’” (NESTRÓVSKI; SELIGMANN-SILVA, 2000:8). Por assim dizer, o goleiro da Seleção Brasileira naquela Copa é um autêntico testemunho do evento traumático, um *superstes* (AGAMBEN, 2008: 27), ou seja, aquele que não é mera testemunha ocular do ocorrido – o *testis* –, mas também aquele que atravessou uma verdadeira provação (SELIGMANN-SILVA, 2005:84). Nesse sentido, baseados na teoria do testemunho e em conceitos e métodos dos estudos da linguagem, nossa intenção é avaliar em termos discursivos não só o quê, mas, sobretudo, como, décadas mais tarde, o goleiro enunciava, através da memória, suas versões sobre aquele fatídico 16 de julho de 1950 e seus desdobramentos.

Se, por um lado, de acordo com Michael Pollak, a memória surge como “um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa” (POLLAK, 1992:201) e, portanto, está sujeita a flutuações, lacunas, supressões e silenciamentos, ela também é coletiva, como já apontava Maurice Halbwachs nos anos 1930 (HALBWACHS, 2004:77), ou mesmo como Pollak afirma: “uma memória também que, ao definir o que é comum a um grupo e o que é diferente dos outros, fundamenta e reforça os sentimentos de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais” (POLLAK, 1989:3). Segundo o historiador Jacques Le Goff,

“[a] memória, como propriedade de preserva certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003:419). Ao pensarmos nos depoimentos, entrevistas e relatos de Barbosa, não podemos perder de vista o fato de que, para uma pessoa que relata sobre o passado, “contar a própria vida nada tem de natural”, “já é difícil fazê-la falar, quanto mais falar de si” (POLLAK, 1992:210).

Para constituir o *corpus* de análise do presente estudo, elegemos os seguintes materiais, pensados enquanto fontes orais em forma de relatos e depoimentos jornalísticos: os textos das entrevistas com o goleiro Moacyr Barbosa, publicados em 2000 na obra *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*, de Geneton Moraes Neto e, respectivamente, no livro *Barbosa. Um gol faz cinquenta anos*, de Roberto Mulyaert; além dos textos indicados, transcrições para a língua escrita de depoimentos e entrevistas, elegemos também os breves depoimentos audiovisuais do goleiro que compõem o curta-metragem *Barbosa* (1988), filme de ficção dirigido por Anna Luiza Azevedo e Jorge Furtado e baseado no conto “O dia em que o Brasil perdeu a copa” (1975), de Paulo Perdigão, publicado em sua obra *Anatomia de uma derrota* (1986); as entrevistas concedidas por Barbosa em 1994 (TV Cultura) e, respectivamente, em 2000 (ESPN Brasil) ao jornalista Helvídio Mattos; por fim, demais depoimentos audiovisuais do goleiro, que faleceu em 2000, integrados em reportagens especiais recentes sobre a Copa de 1950, pelos canais GloboNews (*Os colecionadores de copas – 1950: silêncio ensurdecedor*, 2006, dir. Rosa Magalhães), ESPN Brasil (*Copa de 1950 – da euforia ao silêncio*, dir. Marcos Carvalho) e, respectivamente, BandSports (*Copa de 1950 – Testemunhos*; dir. Marcos Carvalho). Sobretudo os materiais audiovisuais, verdadeiros arquivos de testemunhos orais, enquanto parte de procedimentos para “enquadramento de memória” (POLLAK, 1989:11), revelam-se como ricas fontes em que se podem apreender as impressões, os silêncios, as aflições, os

sentimentos e as distorções de um protagonista que rememora os momentos dramáticos daquela tarde de domingo. Barbosa, tido como um dos “bodes expiatórios” daquela derrota – juntamente com os jogadores Juvenal e Bigode –, condenado pelo “frango eterno” (RODRIGUES, 1994a:69), por diversas vezes, revela em sua fala as marcas de um momento traumático – individual e coletivo –, que o acompanharia pelo resto de sua vida.

### **Os depoimentos de Barbosa: entre a negação e a afirmação da “culpa”**

A derrota da Seleção Canarinho para a Celeste Olímpica em 16 de julho de 1950 já é passado, mas um “passado que não quer passar”, perpetuado por verdadeiros mitos de vitória heroica, no olhar dos uruguaios, e, respectivamente, de profunda derrota no olhar dos brasileiros. O evento, em sentido ontológico, se realizou efetivamente. O que nos resta dele são umas poucas imagens cinematográficas e fotográficas que retratam aquela fatídica partida, bem como gravações de locuções de rádio, além de entrevistas com jogadores e membros da comissão técnica das duas equipes concedidas ao longo de décadas. Aliás, Alcides Ghiggia é o único protagonista vivo daquela partida, está com 85 anos de idade sofreu recentemente um grave acidente de automóvel nas imediações de Montevidéu.<sup>2</sup>

Sem dúvida, um de seus maiores protagonistas é o goleiro Moacyr Barbosa, acusado de ter falhado nos dois tentos marcados pela equipe uruguaia. O grande goleiro do Vasco da Gama e da Seleção Brasileira não só foi, injustamente, culpado pela derrota, como viveu pelo resto de sua vida sob o estigma do vilão da história, juntamente com Bigode e Juvenal. Aliás, o texto de transcrição do áudio da partida na narração de Antonio Cordeiro pela Radio Nacional, publicado por Paulo Perdigão no livro *Anatomia de uma derrota*, documenta com propriedade detalhes daquela partida. Bigode (João Ferreira), por exemplo, foi um dos jogadores do escrete brasileiro mais exigidos durante os noventa minutos; o Uruguai centrou suas forças em repetidas jogadas pelo mesmo setor, ou seja, com o ponta direita Ghiggia,

marcado por Bigode. Ao longo da partida, foram 21 confrontos entre os dois, sendo que o lateral esquerdo brasileiro se saiu bem em 11 situações (PERDIGÃO, 2000a:130-207). Todavia, o que passou para a história foram apenas suas eventuais falhas em dois lances capitais, o mesmo ocorrendo com o goleiro Barbosa, sempre lembrado como a trágica figura que sucumbira aos gols de Schiaffino e, sobretudo, de Ghiggia, “uma desgraça”, nas palavras de Armando Nogueira, “uma maldição”, “a pá de cal na chamada soberba nacional” (NOGUEIRA, 1994:25), que, segundo Paulo Perdigão, “desencadeou um dos mais pesados traumas coletivos de nossa História contemporânea” (PERDIGÃO, 2000b:11).

Um aspecto relevante para nossa abordagem é o fato de que todos aqueles que se dedicam ao estudo histórico ou jornalístico daquela partida são unânimes em afirmar que há, pelo menos, mais de uma versão para os eventos ocorridos no dia 16 de julho de 1950, antes, durante e depois da partida: o ônibus da delegação brasileira teria sofrido uma pane mecânica (MORAES NETO, 2000:48) ou mesmo um pequeno acidente a caminho do Maracanã (PERDIGÃO, 2000a: 109-110); o capitão uruguaio Obdúlio Varela, aos 27 min. do primeiro tempo, teria dado um tapa no rosto de Bigode (PERDIGÃO, 2000a: 145), ou apenas pedido calma ao jogador brasileiro após uma entrada mais forte em Julio Perez (MORAES NETO, 2000: 49; cf. MUYLAERT, 2000:81); o mesmo Obdúlio teria comprado exemplares do jornal *O mundo*, que exibia na véspera a manchete “Estes são os campeões do mundo”, a fim de motivar os companheiros a jogarem com garra para mudarem aquele destino previamente traçado (PERDIGÃO, 2000a: 98), e noutra versão, em que o protagonismo de Obdúlio não é explorado, diz-se que foi o cônsul honorário do Uruguai, Manuel Caballero, que teria mostrado a referida manchete aos jogadores, com a seguinte observação: “Meus pêssames. Os senhores já estão vencidos!” (PERDIGÃO, 2000a:98).

Portanto, as narrativas em torno do jogo Brasil x Uruguai sofreram variações ao longo de décadas. Em relação aos depoimentos do goleiro Barbosa, constatamos algumas flutuações

em seus depoimentos. A título de exemplo, mencionamos dois episódios recorrentes: o da senhora com o garoto e, respectivamente, o da conversa acalorada no trem da Central. O primeiro deles encontra, pelo menos, duas versões, sendo, nos materiais analisados, a primeira de 1988 e a segunda, proferida 12 anos mais tarde, em 2000. Na primeira versão, Barbosa relata o seguinte:

Então foi isso que aconteceu: eu estava na loja, e essa senhora entrou para comprar uma lâmpada, certo, e eu fui atendê-la, e ela chamou o garotinho do carro, o carro estava parado na porta, chamou o garoto e disse: foi esse homem aí que fez o Brasil chorar (FURTADO; AZEVEDO, 1988).

Na segunda versão, de 2000, a cena se passa não mais na loja de material elétrico, mas num bar:

Outra [mulher] chegou no bar onde a gente se reunia, e ela chegou com um garotinho que não tinha nem dez anos, chegou e disse: – Ta vendo, meu filho, esse homem que fez o Brasil todo chorar. O garoto ficou olhando para a minha cara, assim. É, o que o garoto ia saber? Aí eu perguntei para ela: – Dona, será que se eu fosse seu filho a senhora fazia a mesma coisa com ele? (CARVALHO, 2010)

Como bem aponta o escritor alemão Thomas Brussig, “lembranças não se interessam pelo que ‘realmente’ foi. Elas iludem, enganam, adulam, ocultam”; “Recordar é sempre transfigurar, que caminha lado a lado com o ato de esquecer” (LAMBECK, 1999:s/p). Portanto, a memória é lacunar, instável, sujeita a alterações e distorções tanto pela ação do tempo quanto pela ação traumática. O que nos parece óbvio, mas que é bem ilustrado neste exemplo, é que o passado não é recuperado pela memória para o presente, mas sim é no presente que se tem a chave para se rememorar o passado. No caso específico dos relatos e depoimentos do goleiro Barbosa, assevera Roberto MUYLAERT que “a versão dos fatos que ele apresenta hoje [isto é, 2000] já não se sabe até que ponto é real ou imaginária” (MUYLAERT, 2000:113). Transcorridas décadas, “os acontecimentos se transformaram num novelo de idéias um tanto embaraçadas, contraditórias, embaçadas, que há muito ele desistiu de deslindar” (MUYLAERT, 2000:113).

Já o segundo episódio que sofre flutuações ao longo dos anos diz respeito a uma suposta conversa que o goleiro Barbosa teria presenciado num vagão de trem da Central, no qual ele seria o assunto. Alguns dias após a partida contra o Uruguai, os jogadores teriam sido convidados a ir ao Palácio do Governo, numa das poucas homenagens ao time. Na volta, Barbosa e Ademir teriam decidido tomar o trem. Dentro do vagão, segundo o relato de Barbosa em 2000, os dois ouviram a seguinte conversa, sem serem notados:

– Olha, eu vou te dizer uma coisa: se eu conseguir pegar aquele crioulo, tu não sabe o que eu ia fazer com ele. Se eu encontrasse com ele agora, eu ia acabar com a vida dele.  
Aí eu abaixei o jornal assim e digo: – O senhor está me procurando?  
Quando o cara olhou para a minha cara, olha, o cara era moreno, ficou azul, ficou amarelo, mudou de cor uma porção de vezes. E aí ele pulou pela janela. O trem parou na estação de Bento Ribeiro e ele ‘pum’. (CARVALHO, 2010)

Noutra versão narrada a Roberto MUYLAERT também em 2000, o motivo da viagem de trem é outro: Ademir e Barbosa haviam recebido uma proposta do Comendador Vieira de Castro para irem descansar em Itacuruça, numa propriedade dele. Do mesmo modo que na versão anterior, sem serem reconhecidos de imediato, ambos teriam presenciado um diálogo entre dois homens sobre a derrota para o Uruguai:

[...] ‘Sabe de uma coisa, cara, se eu encontro aquele crioulo pela frente nem sei o que faço com ele’.  
Foi o estopim de minha revolta. De um tranco, tiro o jornal do rosto e parto para o confronto, dizendo de bate pronto, bem alto, para todo o trem ouvir: ‘Por acaso o senhor está me procurando?’ O cara olha incrédulo para mim. Pensa que está sonhando. Nunca um desejo dele tinha sido atendido tão rapidamente. [...] A sorte desse torcedor é que o trem parou logo adiante, de certo nem era a sua estação. Ele se escafedeu tão rápido que eu acho que saiu pela janela, mas não tenho certeza. (MUYLAERT, 2000:109)

Portanto, nesta segunda versão a certeza vira dúvida. Podemos deduzir que as lacunas de memória, neste caso, são revestidas por estratégias da ordem do ficcional.

Outro aspecto de destaque nos relatos do goleiro Barbosa diz respeito à incorporação do discurso do outro, à medida que o goleiro, em depoimento concedido a Geneton Moraes Neto em 2000, fez a seguinte afirmação: “Ghiggia diz que só ele, o Papa e Frank Sinatra calaram o Maracanã. Eu também fiz o Brasil calar, fiz o Brasil chorar: não é só ele que tem

esse privilégio não” (MORAES NETO, 2000:53). Desse modo, Barbosa incorporou em seu discurso o argumento de Ghiggia, publicado no jornal *O Globo* em 10 de janeiro de 1981: “Apenas três pessoas, com um único gesto, calaram o Maracanã com 200 mil pessoas: Frank Sinatra, o Papa João Paulo II e eu. E acredito que poucas outras o farão neste século” (PERDIGÃO, 2000a:182). Embora sempre tenha rejeitado a crítica de que teria sido um dos culpados pela derrota da seleção naquela partida, ao argumentar desse modo, até mesmo contraditório, é como se Barbosa reconhecesse a culpa. Em um trecho de entrevista datado de 1988, integrada ao curta-metragem *Barbosa*, o goleiro foi categórico ao afirmar: “Fui, fui, fui acusado, fui acusado de culpado” (FURTADO; AZEVEDO, 1988). E talvez o maior índice traumático em seus depoimentos seja a frase na qual o goleiro estabelece, por analogia, uma relação entre a sua condição de “condenado” com o limite de pena máxima no Brasil, conforme relatado ao repórter Helvídio Mattos em 1994:

Ainda há pouco tempo, nós estávamos lá num bar aonde eu frequento, e um cara veio falando: porque em 1950... Acabou a conversa aí. Porque eu falei para ele... eu me reportei a ele o seguinte: olha, as leis de condenação aqui no país quanto é? Quanto é? A maior condenação quanto é? É trinta anos, né? É trinta anos que o sujeito tem que cumprir. Então eu disse, nós estamos com quarenta e três anos, e eu acho que paguei dez anos ou quatorze anos a mais. Então eu não tenho razão para discutir consigo e nem para dar uma explicação. Porque eu acho... Por que eu vou dar uma explicação para ele? Eu não sou um criminoso vulgar, não é? Então eu não vou dar explicação a ele. Eu acho que ele não merece explicação, por querer me cobrar de uma coisa após quarenta e quatro anos, eu acho que ele não tem direito a isso. Então eu não dou explicações. Então eu prefiro me calar do que discutir, porque eu não vou explicar nada a ele, eu não vou retornar aquilo que já se passou. Então não tem problema nenhum. Então eu prefiro, para não ser deselegante, eu prefiro não comentar (MATTOS, 1994; cf. CARVALHO, 2010).

Sem dúvida, o modo como se costuma reiterar, na imprensa e em publicações sobre futebol, a suposta “culpa” de Barbosa passa pela elaboração discursiva de um verdadeiro drama. Este é o caso, por exemplo, do jornalista Paulo Guilherme, que assim se referiu ao goleiro e ao fatídico gol de Ghiggia:

Foi no dia 21 de julho (sic) daquele ano que a história dos goleiros encontrou seu divisor de águas, quando, como um mártir agonizando na cruz, o goleiro Moacyr Barbosa, ingressou no seu calvário, do qual nunca mais conseguiria sair. O Brasil perdeu a Copa do Mundo em pleno estádio do Maracanã em uma inesperada derrota para o Uruguai por 2 a 1. O segundo gol dos uruguaios, marcado pelo atacante

Alcides Ghiggia, carimbou o passaporte de Barbosa para o inferno (GUILHERME, 2006:101).

Devemos lembrar que a própria função do goleiro abre margem para esse tipo de interpretação. Pois o goleiro, segundo José Miguel Wisnik, “é um ser de exceção e, nos momentos cruciais, um solitário” (WISNIK, 2008b:137), que, “[s]e for feliz, o goleiro transforma-se de tabu em totem”; “Se não for, é o favorito natural para o bode expiatório” (WISNIK, 2008b:138). É justamente o que ocorreu com Barbosa após o “gol fatal”.

Além desse sentido de “culpabilidade”, entre os próprios jogadores daquela partida gerou-se um silêncio em torno dos lances capitais. Um desses silenciamentos, em meio ao trauma e ao tabu, foi gerado entre Ghiggia e Barbosa quanto ao gol fatal, conforme depoimento concedido a Geneton Moraes Neto em 2000: “Depois da Copa, cheguei a me encontrar com Ghiggia, mas nunca tocamos no assunto: nem ele me perguntou nem eu perguntei a ele. Nunca. Jamais tocamos nesse assunto. Nunca tive curiosidade de perguntar a ele” (MORAES NETO, 2000:49).

Outro aspecto relevante detectado nos depoimentos de Barbosa é a noção metafórica de catástrofe que, de modo recorrente, perpassa seu discurso. Podemos constatar isso nos breves trechos de entrevista que compõem o curta-metragem de ficção *Barbosa*, de 1988: “Agora se tivesse uma cratera ali e eu pudesse desaparecer, eu desapareceria” (Furtado; Azevedo 1988). / “Aí o estádio veio abaixo, o estádio desmoronou em cima de mim, e o público silenciou” (FURTADO; AZEVEDO, 1988).

Acresce, ainda, que a presentificação do momento trágico, no caso de Barbosa, não se fez apenas na ordem das reminiscências, como também no próprio estádio do Maracanã, materializando, assim, aquilo o que o historiador Pierre Nora conceituou de “lugar de memória”, ou seja, “onde a memória se refugia e se cristaliza” (NORA, 1993:7). Nas palavras do goleiro, que se tornou funcionário do Maracanã por quase três décadas, a recordação daquela partida era inevitável, feito uma penitência: “[...] foi Deus quem quis que eu ficasse

ali, purgando meus pecados, [...] por 29 anos, boa parte de minha vida útil, podendo olhar todo santo dia para o chamado ‘gol do Ghiggia’, o gol da tragédia” (MUYLAERT, 2000:74).

Mais tarde, Luiz Carlos Barreto também atentou para esse fato:

O Barbosa depois, anos depois, ele virou funcionário aqui no Maracanã. Ele era o recepcionista de personalidades ali na tribuna oficial do Maracanã. Um homem triste, um homem marcado por aquele episódio, uma coisa... quer dizer, ninguém pensou nisso, como ficou a vida dessas pessoas (CAPOVILLA, 2010)

Por fim, nos relatos de Barbosa, o que é natural em depoimentos sobre a vivência de eventos traumáticos, há a menção à presença ou ausência de tal evento em pensamentos e sonhos. Ele surge, por exemplo, em forma do gol fatal: “Eu já pensei naquela bola um milhão de vezes” (FURTADO; AZEVEDO, 1988). E a derrota, como não podia deixar de ser, tirou-lhe o sono: “Não consegui dormir, fiquei a noite toda com aquilo rodando na minha cabeça” (FURTADO; AZEVEDO, 1988). E isso culmina com a tentativa – fadada ao fracasso – de não pensar mais no ocorrido:

Não, não. Antes, talvez até uns trinta anos atrás eu ainda, quando o cara vinha conversar comigo e começar a querer puxar esse assunto, eu eliminava, eliminava mesmo porque parecia que aquilo me feria, que aquilo me feria mesmo. Mas depois de um tempo eu comecei a pensar bem e disse: escuta, por que, por que eu? Eu to pensando nisso, às vezes eu boto a cabeça no travesseiro, to pensando nisso. Será que os outros também estão pensando como eu? Então, estão malucos. Tão malucos. Então, por isso eu não penso mais (CARVALHO, 2010)

Cabe lembrar que, segundo Susan Rubin Suleiman, no ensaio “Além do princípio de prazer”, Freud fala de uma compulsão à repetição, que manifesta um desejo de dominação; ao repetir o trauma original em seus pensamentos ou sonhos, o sujeito procura superá-lo, afirmar ativamente seu controle sobre ele (SULEIMAN, 2006:139). De certo modo, todos esses depoimentos memorialistas do goleiro Barbosa, brevemente apresentados no âmbito deste estudo, eram formas de se confrontar com o trauma no sentido de superá-lo. Pois a memória pode auxiliar na superação dos conflitos, das feridas e das dores causadas por dado evento traumático.

## Barbosa e o trauma da derrota de 1950

– Você nem imagina o que descobri! Veja isso!  
A copa de 1950 foi fraudada. O Barbosa e o juiz  
foram comprados pela ISM. O “frango”, no final  
da partida, estava no script.

– Não diga!? Eu bem que desconfiava. Aquele  
era um gol impossível de não ser defendido.  
Merda! Um país inteiro decepcionado com a  
perda daquela copa... Pode?!

(trecho do romance *O goleador*, de Hosmany Ramos)  
(RAMOS, 2009:102)

A título de epígrafe para nossas considerações finais, elegemos esse trecho do romance *O goleador. Morte e corrupção no futebol* (2009), de Hosmany Ramos, num breve diálogo entre as personagens do repórter Ray Becker e do jogador Ronie Lee May sobre a corrupção no futebol brasileiro. Apesar da liberdade ficcional, ou mesmo do pacto de leitura, é inegável que, mais uma vez, sessenta anos depois, o goleiro Barbosa surge como um dos bodes expiatórios daquela derrota. De certo modo, podemos dizer que o autor do romance ultrapassou os limites da “ética da representação”. Hoje, Tereza Borba, adotada como filha pelo goleiro nos últimos anos de vida, procura reabilitar a imagem de Barbosa, falecido a 07 de abril de 2000, destacando sua brilhante carreira no Vasco da Gama, em especial como arqueiro do “Expresso da Vitória”, campeão do Sul-Americano de 1948. A intenção de Tereza é transformar o túmulo do goleiro, num cemitério de Praia Grande, no litoral paulista, num ponto do roteiro turístico local (FREITAS, 2012). Ao contrário da ficcionalização incriminatória do referido romance, a reabilitação da imagem de Barbosa permitiria uma releitura não só de sua carreira, como também de sua pessoa, afastando-o daquela “sombra de injustiça” (Helvídio Mattos) que o acompanhou por décadas, até a sua morte no ano em que o *Maracanazo* comemorou seu cinquentenário.

Sem dúvida alguma, como o próprio Barbosa afirmou no depoimento a Geneton Moraes Neto em 2000, “[m]uita gente não entrou para a história. Eu jamais sairei da história do futebol brasileiro por causa daquele jogo, em 16 de julho de 1950” (MORAES NETO,

2000:53). E isso se deve ao próprio caráter trágico que aquela partida assumiu. Numa reportagem recente sobre a Copa de 1950, Luiz Carlos Barreto, ele próprio testemunha ocular da tragédia do Maracanã como jovem fotógrafo, afirmou que “essa tragédia não vai se apagar nunca da minha memória e da memória do coletivo brasileiro, vai se transmitir oralmente” (CAPOVILLA, 2010). Argumentando na mesma direção, o jornalista Helvídio Mattos afirma essa permanência do trauma de 1950: “[a]té hoje, aquela derrota continua doendo na alma brasileira. É uma ferida do tamanho do Maracanã, e talvez nunca cicatrize” (CARVALHO, 2010). A impressão que se tem ao ler tais frases é de que certo exagero, que nos faz lembrar o estilo hiperbólico de Nelson Rodrigues em suas crônicas esportivas – com célebres expressões para definir em 1966 o *Maracanazo* como “a nossa Hiroshima” (RODRIGUES, 1994b:116), ou ainda ao afirmar em 1969 que “[a] humilhação de 50, jamais cicatrizada, ainda pinga sangue” (RODRIGUES, 1993:144) –, marca o discurso da derrota, sempre renovado.

Sendo assim, os aspectos aqui avaliados – as flutuações, os silenciamentos, a incorporação do discurso do outro, as noções de catástrofe, de trauma, detectados nos depoimentos e relatos do goleiro Barbosa, são elementos estruturantes da construção discursiva dos relatos sobre aquela partida e, portanto, colaboram para sua cristalização enquanto maior “tragédia” do esporte nacional.

Não obstante esse caráter trágico que a Copa de 1950 assumiu para os brasileiros ao longo de décadas, pensá-la à luz de discursos memorialistas possibilita-nos vislumbrá-la de um modo diferenciado, talvez até no sentido desejado pelo próprio Barbosa em depoimento a Geneton Moraes Neto: “1950 foi o marco inicial de outras conquistas” (MORAES NETO, 2000:46).

## Notas

---

<sup>1</sup> Moacyr Barbosa do Nascimento nasceu em Campinas, em 27 de março de 1921, e faleceu em Praia Grande, no litoral paulista, em 07 de abril de 2000.

<sup>2</sup> A notícia foi veiculada na Internet sob o título de “Ex-atacante Gigghia sofre grave acidente no Uruguai”. Disponível em: [http://www.lancenet.com.br/minuto/Ex-atacante-Gigghia-sofre-acidente-Uruguai\\_0\\_718128342.html](http://www.lancenet.com.br/minuto/Ex-atacante-Gigghia-sofre-acidente-Uruguai_0_718128342.html); Acesso em: 17 Jun. 2012. Segundo consta, Gigghia vem se recuperando bem do acidente.

## Referências Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. 2008. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). São Paulo: Boitempo.

“Ex-atacante Gigghia sofre grave acidente no Uruguai”. Disponível em: [http://www.lancenet.com.br/minuto/Ex-atacante-Gigghia-sofre-acidente-Uruguai\\_0\\_718128342.html](http://www.lancenet.com.br/minuto/Ex-atacante-Gigghia-sofre-acidente-Uruguai_0_718128342.html); Acesso em: 17 Jun. 2012.

FREITAS, Bruno. 2012. “Filha luta para perpetuar Barbosa e fazer de túmulo atração turística em Praia Grande” (08/05/2012). Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/05/08/filha-luta-para-perpetuar-barbosa-e-fazer-de-tumulo-atracao-turistica-em-praia-grande.htm>; acesso em: 11 de maio 2012.

GALEANO, Eduardo. 2010. “El Mundial del 50”. In: GALEANO, Eduardo. *El fútbol a sol y sombra*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno: 97-99.

GULHERME, Paulo. 2006. “Testemunhas de defesa”. In: GUILHERME, Paulo. *Goleiros: heróis e anti-heróis da camisa 1*. São Paulo: Alameda: 99-112.

HALBWACHS, Maurice. 2004. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro Editora.

HEIZER, Teixeira. 2001. *O jogo bruto das copas do mundo*. ed. ampliada, Rio de Janeiro: Mauad.

LAMBECK, Silke. 1999. “Herr Brussig, was halten Sie von Nostalgie?” (entrevista com Thomas Brussig). *Berliner Zeitung*, 6./ 7. November 1999.

LE GOFF, Jacques. 2003. “Memória”. In: LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges, Campinas, SP: Ed. Unicamp: 419-476.

MILAN, Betty. 1998. “A Copa perdida”. In: MILAN, Betty. *O país da bola*. ed. revista e corrigida, Rio de Janeiro: Record: 27-39.

MORAES NETO, Geneton. 2000. *Dossiê 50 – os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva.

MUYLAERT, Roberto. 2000. *Barbosa: um gol faz cinquenta anos*. São Paulo: RMC Comunicação.

NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio. 2000. “Apresentação”. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta: 7-12.

---

NOGUEIRA, Armando. 1994. “1950: 10% da população do Rio no Maracanã”. In: NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô; MUYLAERT, Roberto. *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras: 19-36.

NOGUEIRA, Armando; SOARES, Jô; MUYLAERT, Roberto. 1994. *A copa que ninguém viu e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras.

NORA, Pierre. 1993. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*, São Paulo, PUC-SP, n. 10, 7-28, dez. 1993.

PERDIGÃO, Paulo. 2000a. *Anatomia de uma derrota: 16 de julho de 1950 – Brasil x Uruguai*. ed. revista e ampliada, Porto Alegre: L&PM.

PERDIGÃO, Paulo. 2000b. “Introdução”. In: MUYLAERT, Roberto. *Barbosa: um gol faz cinquenta anos*. São Paulo: RMC Comunicação: 11-12.

POLLAK, Michael. 1989. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 2-15, 1989.

POLLAK, Michael. 1992. “Memória e identidade social”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 200-212, 1992. Disponível em: [http://reviravoltadesign.com/080929\\_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria\\_e\\_identidade\\_social.pdf](http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf); Acesso em: 08 jul. 2009.

RAMOS, Hosmany. 2009. *O goleador: morte e corrupção no futebol*. São Paulo: Geração Editorial.

RODRIGUES, Nelson. 1994a. “A eternidade de Barbosa” (30/05/1959). In: RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras: 68-70.

RODRIGUES, Nelson. 1994b. “O drama das sete copas” (junho de 1966). In: RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras: 112-119.

RODRIGUES, Nelson. 1993. “Um escrete de feras” (14/04/1969). In: RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. sel. e notas de Ruy Castro, São Paulo: Companhia das Letras: 141-144.

RODRIGUES FILHO, Mario. 2003. *O negro no futebol brasileiro*. 4. ed., Rio de Janeiro: Mauad.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. 2005. “Literatura, testemunho e tragédia: pensando algumas diferenças”. In: SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Ed. 34: 81-104.

SULEIMAN, Susan Rubin. 2006. “Revision: historical trauma and literary testimony”. In: SULEIMAN, Susan Rubin. *Crises of memory and the Second World War*. Cambridge; London: Harvard University Press: 132-158.

WISNIK, José Miguel. 2008a. “A catastrophe”. In: WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: 245-267.

WISNIK, José Miguel. 2008b. “O goleiro”. In: WISNIK, José Miguel. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras: 136-141.

---

## Filmografia

CAPOVILLA, Maurice. 2010. *No país do futebol – A tragédia de 1950 e outras histórias*, por Luiz Carlos Barreto, Brasil, colorido; preto e branco, 16 min. [série para o Canal Brasil]

CARVALHO, Marcos. 2010. *Copa de 1950 – Testemunhos*. Brasil, colorido; preto e branco, 08 min. [reportagem para o canal BandSports]

CARVALHO, Marcos. 2010. *Copa de 1950 – da euforia ao silêncio*. por Helvídio Mattos, Brasil, colorido; preto e branco, 93 min. (documentário para o canal ESPN Brasil)

FURTADO, Jorge; AZEVEDO, Ana Luiza. 1988. *Barbosa*. Brasil, curta-metragem, colorido; preto e branco, 13 min.

MAGALHÃES, Rosa. 2006. *Os colecionadores de copas – 1950: silêncio ensurdecedor*, Brasil, colorido; preto e branco, 18 min. (reportagem para a GloboNews)

MATTOS, Helvídio. 1994. *A Copa de 1950*, Brasil, colorido; preto e branco, 40 min. (reportagem para a TV Cultura de São Paulo; 1994)

## Minicurrículo do autor

### Elcio Loureiro Cornelsen

Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – nível 2

Bolsista do Programa Pesquisador Mineiro da FAPEMIG

Professor Associado em Língua e Literatura Alemã (graduação) e Teoria da Literatura e Literatura Comparada (pós-graduação), na Faculdade de Letras da UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais.

Doutor em Estudos Germânicos pela Freie Universität Berlin, Alemanha (1999)

Líder do FULIA – Núcleo de Estudos sobre Futebol, Linguagem e Artes (UFMG)

## Principais publicações

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2003. “Esporte e discurso totalitário”. In: MARI, Hugo (et al.) (org.). *Análise do Discurso em perspectivas*. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG: 315-350.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2006. “Olimpia a serviço de Gêrmania: a recepção da arte e da tradição olímpica da Grécia Antiga no contexto dos Jogos Olímpicos de Berlim”. *Clássica*, v. 19, São Paulo: 196-223.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2006. “A ‘linguagem do futebol’ segundo Pasolini: ‘futebol de prosa’ e ‘futebol de poesia’”. *Caligrama. Revista de Estudos Românicos*, v. 11, Belo Horizonte: 171-199.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2006. “Análise do Discurso e espetacularização em eventos da mídia”. In: EMEDIATO, Wander (et al.). (org.). *Análise do Discurso: Gêneros, Comunicação e Sociedade*. Belo Horizonte: FALE/UFMG: 37-51.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2011. “Literatura, Música e Futebol: um olhar transdisciplinar”. In: HOLANDA, Silvio Augusto de Oliveira (et al.) (org.). *Amazônia, culturas, linguagens*. Curitiba: Ed. CRV: 129-154.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2012. “Imagem e Memória em torno de Futebol e Política no Cinema”. In: CORNELSEN, Elcio Loureiro; VIEIRA, Elisa Amorim; SELIGMANN-SILVA, Márcio (org.). *Imagem e Memória*. Belo Horizonte: FALE/UFMG: p. 429-442.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. 2012. “Sentimento e Política no futebol alemão: construções da ‘Nação’ em 1990 e 2006”. *História: Questões & Debates*, Curitiba, v. 57, n. 2, jul./dez. 2012, 73-99.

## Endereço para correspondência:

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

FALE – Faculdade de Letras

Av. Pres. Antonio Carlos 6.627 – Gab. 4044 – Campus Pampulha

31.270-901 – Belo Horizonte-MG